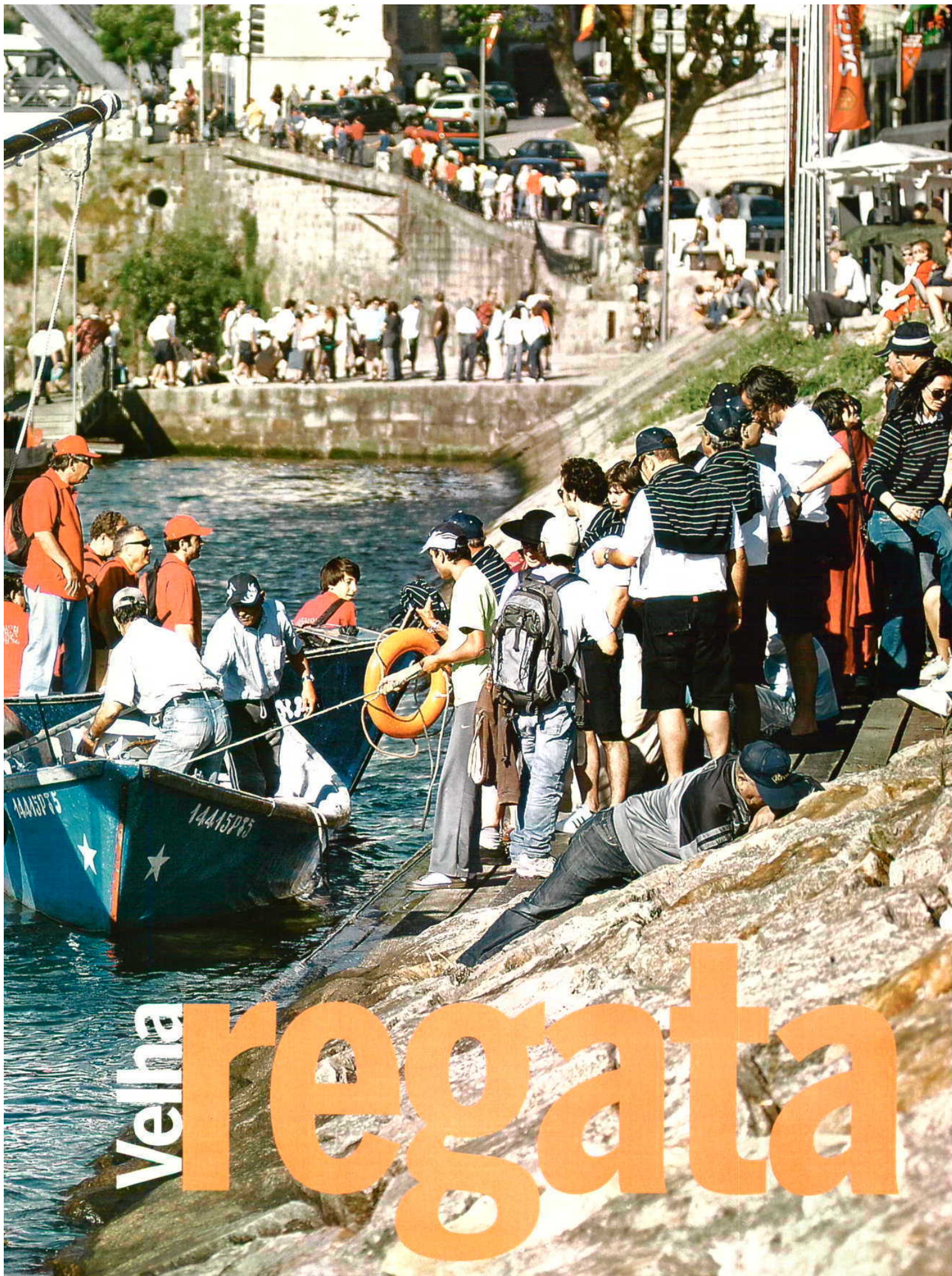
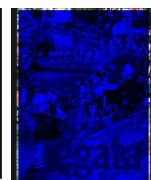


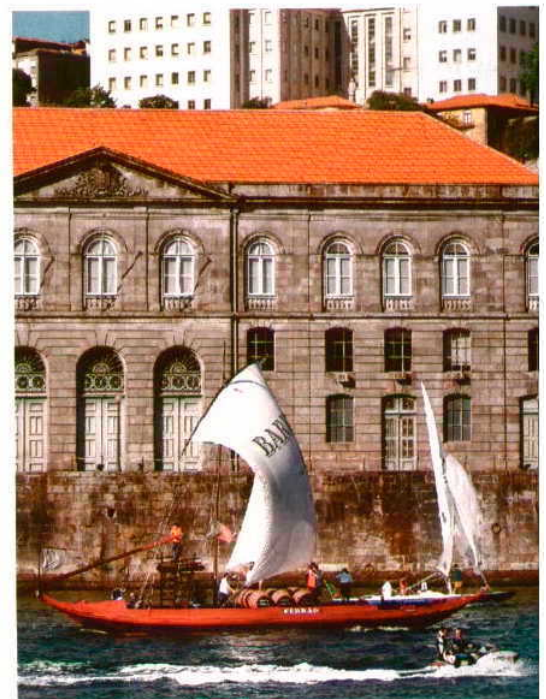


ÁLBUM





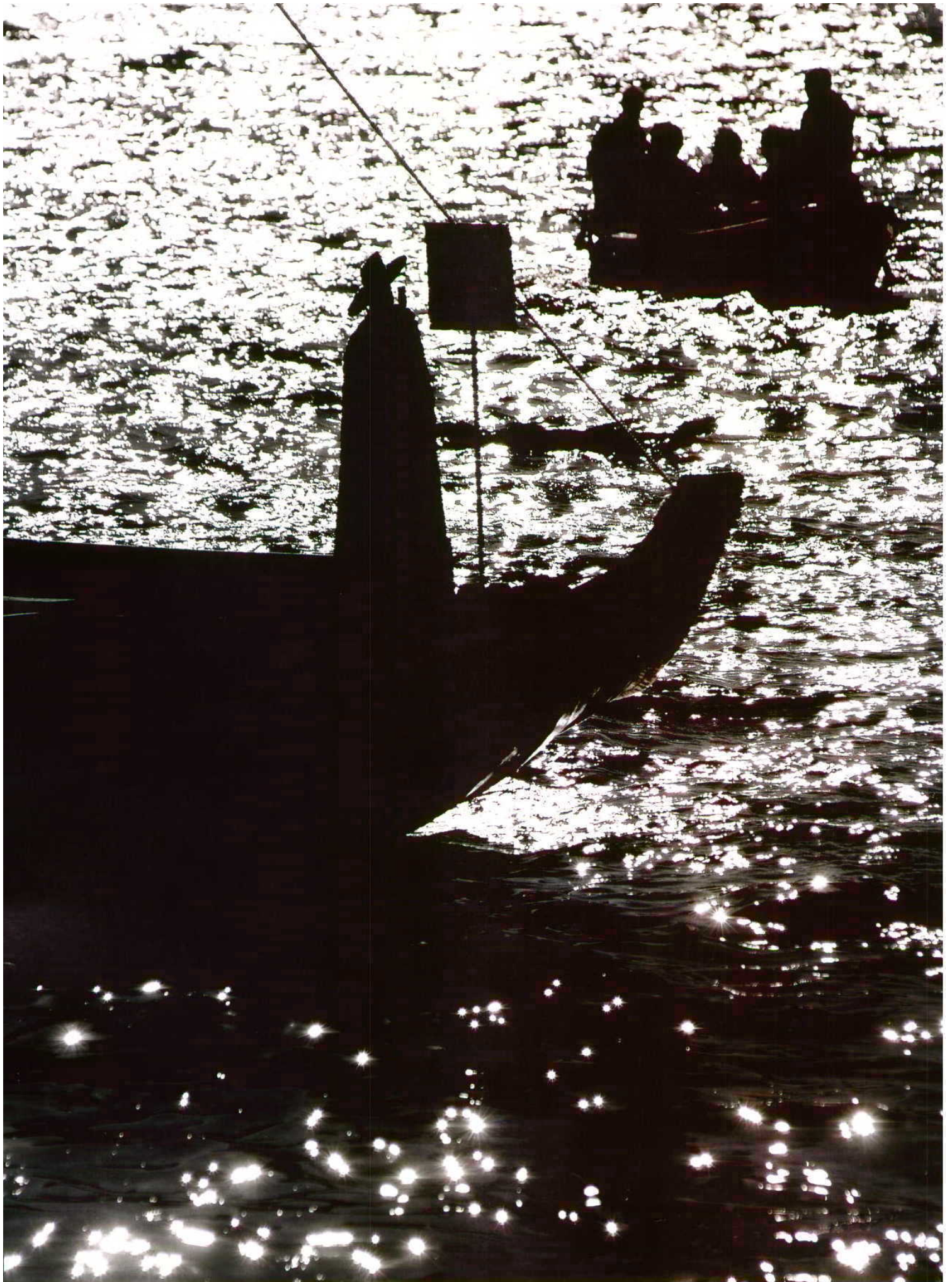
Velha regata

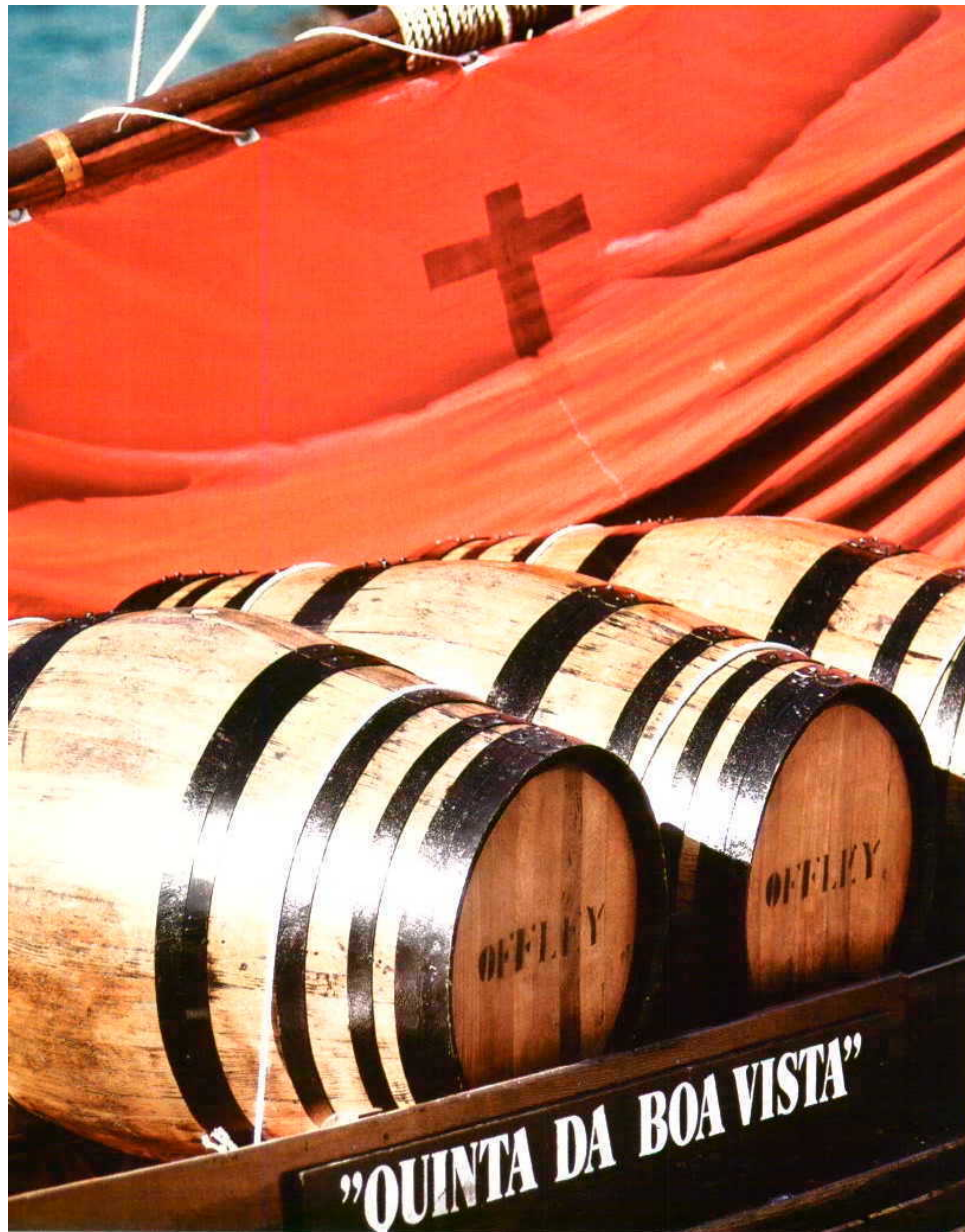




DEPOIS de uma longa noite de folia, Porto e Gaia estão adormecidas. Os únicos sinais de vida concentram-se junto às margens frescas do Douro. Na ribeira do Porto, os turistas de diferentes nacionalidades preenchem as esplanadas com um idioma imperceptível. Do outro lado, vive-se o ritmo de bastidores antes de um qualquer espectáculo. Grupos de pessoas movem-se numa azáfama invulgar. Ocupam-se dos preparativos para a regata de barcos rabelos. Da Foz até à Ribeira. Contrariando a viagem cantada por Rui Veloso, as embarcações vão cumprir a tradicional corrida sanjoanina, organizada pela Confraria do Vinho do Porto.

Muito antes da partida, os melhores lugares para ver o desfile já estão ocupados. A multidão acotovelava-se na primeira linha da água. Há quem sucumba ao sono no relvado do cais de Gaia. Já os turistas não param. De máquinas fotográficas debaixo do braço percorrem o cais com os olhos postos no rio. Os barcos tardam. A velocidade do vento de 14 nós e a ondulação de 1,5 metros dificultam a partida. Até que do meio da multidão vem o alerta: «Olhós →





barcos». Ao longe, começam a vislumbrar-se as velas insufladas. Os 16 barcos rabelos desfilam altivos, exibindo a casa vinhateira que representam. Os rebocadores intervêm aqui e além, o que significa que os marinheiros estão a sentir dificuldade em levar o barco a bom porto, isto é, até junto da ponte de D. Luís.

O primeiro a chegar é o rabelo que ostentava a marca Porto Fonseca, mas é desclassificado, pertencendo a vitória ao Porto Barros, do grupo Sogevinus. A comemorar as bodas de prata, a regata pretende não deixar esquecer a história do vinho do Porto. Durante décadas, o barco rabelo foi o único meio de transporte capaz de subir e descer o Douro, um rio de navegação difícil, para transportar as pipas do rei dos vinhos generosos do Alto Douro Vinhateiro até às caves, de onde partiam para todo o mundo.

Depois de ter deixado de ser utilizada, em 1964, a mais típica embarcação fluvial portuguesa passou a estar ancorada defronte às caves no cais de Gaia e, mais tarde, passou a ser utilizada nos passeios turísticos no Douro. 